

As narrativas de alunos brasileiros sobre a história do Brasil: um estudo sobre o consumo da ferramenta cultural narrativa

Elenir Voi Xavier de Moura

Instituto de Línguas, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.
e-mail: moura@wnet.com.br

RESUMO. Este trabalho objetiva verificar como 35 alunos universitários brasileiros do curso de Letras consomem a história oficial de seu país. A eles foi solicitado que contassem (30' a 60') o que sabiam sobre a história do Brasil. A base da pesquisa foi Wertsch (1998), que procurou definir quem os alunos universitários americanos consideravam como o centro da ação na história de seu país. Os critérios para a construção dos personagens foram a frequência de menção dos personagens, os padrões de agência com foco nas categorias superordinada e subordinada de referencialidade proposicional e os padrões de presença pressuposta de personagens considerados óbvios. Percebeu-se que para os alunos brasileiros a história brasileira é construída em torno de um personagem que não é o brasileiro, mas sim os portugueses/os europeus, e por extensão, nos dias atuais, a globalização, as nações mais ricas etc. Todos os textos estavam arraigados no tema “inconformismo pela exploração indevida de nossos bens desde a descoberta”.

Palavras chave: gênero textual, narrativa, consumo de ferramenta cultural, história do Brasil.

ABSTRACT. Brazilian students' narratives about the history of Brazil: a study about the consumption of the narrative cultural tool. The aim of this work is to verify how 35 Brazilian University Language students consume the official history of their own country. They were requested to tell (30' to 60') what they knew about the history of Brazil. This research is based on Wertsch (1998), who tried to define the representative figures in the history of their country, according to the American University students. The criteria to analyze the narratives was “the construction of characters”. These criteria consisted of three other sub-criteria, namely, the frequency of the characters' mention, the pattern of agency superordinate and subordinate and the pattern of postulated presence. For the Brazilian students, Brazil history is constructed around a character (or group of characters) that is not Brazilian, but the Portuguese, and also, the globalization, the richer nations, etc. All the texts were rooted in the theme “unconformity with the unfair exploration of our country since its discovery”.

Key words: textual genre, narrative, consumption of cultural tools, Brazilian history.

Introdução

O objetivo deste trabalho é verificar como alunos universitários brasileiros do curso de Letras de uma universidade estadual no interior do Estado do Paraná consomem a história oficial de seu país, com base em Wertsch (1998).

De acordo com Vygotsky (1984), a relação do indivíduo com o mundo não é direta, mas mediada por ferramentas auxiliares da atividade humana. Com base em Certeau (1999), Wertsch tem criticado as pesquisas que estudam essas ferramentas. Procurando mostrar a importância da análise da produção bem como do consumo dessas ferramentas culturais, Wertsch (1999), em seu livro *Mente como ação*, apresentou estudos sobre como cidadãos usam a ferramenta cultural “narrativa” para falar da origem de seus países. Embora Wertsch tenha apresentado

três estudos sobre como os cidadãos consomem a história de seu país, nós nos basearemos, para o presente trabalho, apenas no segundo estudo, no qual Wertsch fez uma nova análise dos textos utilizados no estudo de O'Connor (1991 *apud* Wertsch, 1998, p. 87).

Fundamentação teórica

A produção e o consumo de ferramentas culturais

A produção e o consumo de ferramentas culturais são dois processos intrinsecamente relacionados, e as forças que produzem essas ferramentas sempre desempenham um papel na determinação de como serão usadas. No que tange à narrativa enquanto gênero, o modo como os textos narrativos da história oficial são produzidos determinam a maneira como os fatos serão entendidos e os eventos posteriormente

narrados pelos cidadãos dos mais diferentes países.

Para chegar à análise das narrativas, Wertsch (1999) busca fundamentação teórica em Bakhtin, principalmente no que concerne ao gênero de fala e às linguagens sociais. Considerando que a ação humana é fundamentalmente modelada pelas ferramentas culturais, Wertsch examina como um conjunto específico de ferramentas culturais - aquelas envolvendo a linguagem - modelam a ação mediada de modo particular. A noção de enunciação provinda de Bakhtin é mostrada como sendo a real unidade de comunicação de fala. A análise de Bakhtin das enunciações envolvendo os aspectos repetidos e os não-repetidos da língua pode ser tomada como um caso especial de tensão irreduzível entre agente e as ferramentas culturais. Wertsch concorda, então, com Bakhtin, que o foco em um ou outro é incompleto.

Quanto ao gênero, Bakhtin (*apud* Wertsch, 1998, p. 74) salienta que a noção de língua é encontrada não só no conceito de língua nacional, mas também nos conceitos de “gêneros de discurso” e “línguas sociais”. No que tange aos gêneros de discurso, Bakhtin pondera que:

[os] tipos de gêneros de fala organizam nossa fala em quase todos os modos assim como as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero, e ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar -lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (Bakhtin, 1997, p. 302).

Por outro lado, Bakhtin associou as linguagens sociais a grupos particulares de falantes. Neste sentido, escreveu sobre a linguagem enquanto “gêneros de estratificação” profissional, social e de geração. Embora Wertsch não tenha o objetivo de trabalhar a linguagem social, mas sim o gênero de fala, mais especificamente a narrativa, ele salienta que os dois estão muito interligados, e que, de algum modo, a análise pode alcançar a linguagem social.

De acordo com Geraldí (comunicação pessoal), para Bakhtin a consciência constitui-se de signos que são elementos da linguagem e que refletem a realidade. A linguagem é social e, por isso, variada, heteroglótica. Aprender a falar é aprender a palavra do outro. As palavras próprias são, para Bakhtin, segundo Geraldí (comunicação pessoal), esquecimentos da própria origem.

Segundo Wertsch, o apropriar-se das palavras dos

outros e enchê-las com nossas intenções é um processo complexo, difícil de ser realizado e também de ser analisado.

Representando o passado com as ferramentas culturais

Para Wertsch, com base em White (1987 *apud* Wertsch, 1998, p. 79), o passado pode ser representado através de outras ferramentas culturais, dentre as quais White cita os anais, a crônica e a narrativa. Os anais se caracterizam pela listagem simples de eventos em seqüência cronológica com pouca tendência à narrativa, trama ou enredo. A crônica tem sempre uma intenção de “contar uma história” e “aspira à narratividade”. Mas, diferente da narrativa, a crônica não consegue atingir isto do modo como uma estória genuína conseguiria. Ela não concluiu, não tem um fecho, mas simplesmente termina.

A narrativa, por outro lado, é organizada ao redor da temporalidade, tem um sujeito central, uma trama e enredo com um começo, meio e fim bem marcado, e uma voz narrativa bem identificável; nela, existe uma conexão entre os eventos; e chega-se a uma conclusão, uma resolução. Para White (1999), a narrativa é “*uma estrutura de relações pelas quais os eventos contidos no relato são dotados de significados, pelo fato de serem identificados como parte de um todo integrado.*” A importância de estudar-se a narrativa, para Wertsch, repousa sobre o fato de que o homem é, em suas ações e práticas, bem como em suas ficções, essencialmente um animal contador de histórias.

A narrativa sobre a origem dos Estados Unidos da América

O estudo que chamou nossa atenção foi realizado pelo próprio Wertsch a partir dos textos coletados para o estudo de O'Connor (1991, 1992 *apud* Wertsch, 1998), no qual Wertsch afirma que os alunos americanos sabem demais. Os sujeitos foram 24 alunos, universitários americanos, entre 18 e 21 anos. Todos os sujeitos, pertencentes a uma pequena universidade em Nova Inglaterra, haviam tido muito mais que um ano de história americana; eram adultos com experiência na organização da narrativa e outros aspectos dos materiais instrucionais. A eles foi pedido que gastassem de trinta minutos a uma hora escrevendo um ensaio que oferecesse “um relato da origem do seu país”.

Para Wertsch, houve uma certa similaridade dos fatos relatados nos textos, o que era de se esperar, levando-se em consideração que todos tiveram um currículo básico de história americana. Um tema central apareceu na maioria das narrativas, o qual foi denominado “a busca da liberdade” (23 casos em 24). Esse tema era considerado presente quando o sujeito

incluía uma descrição de ações pelos grupos de pessoas indicando uma intenção de escapar do sistema social ou regulador, o qual era considerado pelos grupos minoritários como sendo o “perseguidor” ou como tirando deles a liberdade individual.

Para entender, de modo mais profundo, as relações dentro da narrativa, Wertsch afirma a importância de verificar-se como acontece a construção dos personagens nos 24 relatos.

A construção dos personagens. A narrativa histórica reivindica a verdade não simplesmente por causa de cada uma de suas declarações individuais. Ela também traz em suas construções lingüísticas uma forma complexa de revelar como o indivíduo entende a “verdade” ou a “sua verdade”.

Assim, eventos, personagens e verdade narrativa são intimamente ligados juntos dentro do que Mink (1978, p. 144 *apud* Wertsch, 1998) chamou de “todo único”. Tudo isto sugere que a construção dos personagens principais na narrativa histórica é muito relacionada com a verdade narrativa.

Wertsch usa o termo “*construção*” de personagens porque quer enfatizar que está lidando com um aspecto da organização da narrativa mais do que com um conjunto comum de afirmações que oferecem um relato completo “*do que realmente aconteceu*” de um modo direto, de modo não mediado. O pesquisador americano usa três critérios para examinar a construção dos personagens, a saber, A) a frequência da menção; B) os padrões de agência; e C) os padrões de presença pressuposta, os quais apresentaremos a seguir.

A Frequência de menção

Nesse item, Wertsch leva em consideração, através de levantamento estatístico, o aparecimento dos substantivos e pronomes na superfície como critério para examinar como os diferentes grupos (sociais, étnicos) ou os personagens principais apareceram no texto. Entretanto, somente esse critério não foi suficiente para especificar como os personagens principais mencionados nas orações substantivas (*noun phrases*) foram representados. Wertsch volta-se, então, para duas medidas adicionais que se aplicam aos colonizadores europeus e aos nativos americanos - os grupos mais mencionados em sua pesquisa: os padrões de agência e os padrões de presença pressuposta.

Os padrões de agência

O conceito de agência relaciona-se a questões como “quem iniciou ou realizou as ações na narrativa? E quem é o espectador curioso ou a vítima? Quem fez a ação, e quem recebeu a ação?”. Wertsch examina essas questões a partir de uma perspectiva

denominada “referencialidade proposicional”, a qual desempenha um papel essencial na organização da linguagem como meios mediacionais (Wertsch, 1985) e está preocupada com os papéis que os constituintes desempenham dentro das proposições ou dentro da expressão ou sentenças lingüísticas.

Wertsch prioriza dois grupos de referencialidade proposicional que chamará de *categorias superordinadas/superior* e *categorias subordinadas/inferior*. Cada uma delas inclui subcategorias que são normalmente distintas em análise lingüística, mas para examinar o que ele está chamando de *agência na narrativa*, servem como tópicos gerais. Na categoria superior, ele inclui as orações substantivas com estruturas como a) sujeito de uma oração transitiva ativa; b) o sujeito na oração intransitiva; c) o sujeito da oração com verbo de ligação; e d) a oração substantiva seguida de “*por/pelo*” (tanto no presente na forma aparente ou elíptica) na oração transitiva passiva.

A noção mais ampla que Wertsch emprega está centrada em capturar casos em que um grupo ou indivíduo é geralmente apresentado como sendo o centro da ação. Uma oração substantiva pode receber esse *status* por se referir ao iniciador da ação, ao grupo que realizou a ação sob outro grupo.

Segundo Wertsch, os exemplos (1), (2), (3), e (4) abaixo são exemplos de (a), (b), (c), e (d), respectivamente.

1. *Eles* (os índios) ensinaram *a eles* (os Pilgrims) como pescar, crescer, e fertilizar plantações, preparar-se para longos e frios invernos e a apreciar a natureza.
2. *A população dos povos brancos* cresceu desproporcionalmente.
3. *Os colonizadores* eram ambiciosos.
4. *Os índios*, com sua cultura, roupas, linguagem religião diferentes, etc. eram temidos pelos *recém-chegados*.

Como na categoria superior, a categoria inferior usada por Wertsch não corresponde a qualquer papel simples de referencialidade proposicional. Antes, essa categoria agrupa diversos papéis gramaticais, com o fio condutor comum sendo o fato de que todas as orações substantivas desse grupo indicam *um estado secundário de um indivíduo ou grupo mencionado em comparação com o individual ou grupo mencionado na posição de uma oração substantiva superordinada*. Os itens podem ser codificados como orações substantivas na categoria subordinada: (e) objeto direto em uma cláusula transitiva (ou passiva ou ativa) (f) objeto indireto em uma cláusula transitiva (ou ativa ou passiva), e (g) uma oração substantiva seguida de “*com*” no sentido de “*em colaboração com*”. Os exemplos (5), (6) e (7), retirados dos textos dos sujeitos da pesquisa de Wertsch, são exemplos de (e), (f) e (g),

respectivamente.

1. Em uma década ou duas, ele (Colombo) tinha dizimado completamente *a tribo dos Índios Arawak*.
2. Isto enfureceu as colônias porque os ingleses se recusaram a dar a *eles* (aos colonizadores vindo da Europa) a representação no Parlamento.
3. Os colonizadores também exploraram os índios, negociando, *com eles*, mercadoria que complicavam o modo de viver dos índios.

Todas as orações superordinadas e subordinadas presentes nos textos estudados por Wertsch foram codificadas. Das orações substantivas nos textos dos alunos que faziam esse tipo de referência, 89,1% apareceram em posição superordinada. O número correspondente para oração substantiva que se referiam aos nativos americanos foi de 64%. Assim, quando os colonizadores europeus eram mencionados, a eles foi dado um status de primazia na oração, uma tendência que era bem menos marcada para os nativos americanos. Ao contrário dos colonizadores europeus, os nativos americanos estavam sempre presentes como recipientes ou vítimas das ações.

Os padrões de presença pressuposta

Esse critério preocupa-se com o fato de que “os indivíduos ou grupos mencionados no texto podem ser tratados como sendo menos ou mais presentes no contexto de fala (*speech context*) e, assim, serem considerados mais ou menos acessíveis ao falante e ao ouvinte (escritor ou leitor)” (Wertsch, 1998, p. 95). A atenuação da presença do grupo e personagem consideração óbvio foi analisada a) quando os alunos utilizavam pronomes (em qualquer posição de referência proposicional) no lugar dos nomes e b) quando removiam um determinado grupo ou personagem através da elipse. Os exemplos de (a) e (b), respectivamente, aparecem nas sentenças (8) e (9):

(8) Em resumo, eles (os colonizadores vindos da Inglaterra) estavam começando a se sentir sufocados/reprimidos, exatamente como eles eram na Inglaterra.

(9) A situação se tornou pior e finalmente os índios foram empurrados para o oeste (*e.g.* pelos colonizadores europeus).

Os colonizadores europeus tiveram 93 referências pronominais, enquanto os nativos americanos apenas 4. Nas frases do tipo (b), houve 89 remoções para os europeus e apenas 1 para os índios. Em muitos casos, a presença dos colonizadores era tão óbvia que os alunos acharam que sua menção nem era necessária. O contrário aconteceu com os nativos, pois os sujeitos que escreveram os textos tiveram a tendência de usar formas explícitas, uma prática que indica que os nativos americanos não eram considerados tão

prontamente presentes no contexto fala-evento.

Material e métodos

Temos o objetivo de analisar como 35 alunos do primeiro ano do curso de Letras de uma universidade estadual no interior do Estado do Paraná narram a história do Brasil.

A metodologia deste trabalho baseia-se nos critérios do estudo desenvolvido por Wertsch (1998), já apresentado na fundamentação teórica. Como no estudo de Wertsch, no qual ele analisa os universitários americanos, foi selecionada uma turma do primeiro ano do curso de letras (noturno/Português-Francês), com idade entre 18 e 45 anos. A média de idade é de 22 anos e os alunos são calouros e recém-chegados do ensino médio. A coleta de dados se deu no segundo dia de aula do primeiro semestre de 2003.

A professora da disciplina “Introdução aos Estudos Literários” fez a seguinte solicitação para os alunos: “Eu gostaria que vocês narrassem o que sabem sobre a história do Brasil.” O tempo da atividade foi de 30 a 60 minutos.

Análise dos dados

A construção da unidade: os fatos mais mencionados

Tal como na pesquisa sobre os alunos universitários americanos, realizamos um levantamento das ocorrências dos fatos mais importantes de nossa história, como se vê sumariamente na Tabela 1 que apresenta os fatos mencionados, o número de alunos que mencionou o fato e o percentual dentro do conjunto de textos analisados:

Tabela 1. Fatos mais mencionados nas narrativas.

	No. de alunos que mencionam o fato	% dentro os 35 alunos =100%
1. A descoberta da América (por Colombo)	02	5,7%
2. Os índios povoam o Brasil antes da chegada dos portugueses	16	45,71%
3. Os portugueses descobrem o Brasil no caminho para as Índias.	03	8,57%
4. Os portugueses descobrem o Brasil	07	20,00%
5. Os portugueses descobrem o Brasil em 1500	11	31,42%
6. Pedro Álvares Cabral	14	40,00%
7. Pero Vaz de Caminha escreve sobre a nova terra	02	5,7%
8. Os portugueses exploram os índios.	17	48,57%
9. Os portugueses exploram nossas riquezas.	12	34,28%
Soma das ocorrências dos itens de 3 a 9	66 menções	
10. Mudança dos nomes do país: Ilha, Terra, Brasil	03	8,57%
11. 1530:marco do envio de pessoas para ocupar a terra	02	5,7%
12. Napoleão e o Bloqueio continental	02	5,7%
13. Vinda da família real	04	11,42%
14. Capitânicas hereditárias	03	8,57%
15. Bandeirantes	01	2,85%
16. Tratado de Tordesilha	01	2,85%
17. Guerra entre Portugal e Espanha	02	5,7%

18. Jesuítas vêm para catequizar	05	14,28%
19. Negros	06	17,14%
a) Vinda dos negros da África	02	5,7%
b) Escravatura dos negros	03	8,57%
c) Quilombo dos Palmares	01	2,85%
20. Racismo contra os pretos	01	2,85%
21. Abolição da escravatura ou Lei Áurea	05	14,28%
22. Ciclos: do ouro, da cana de açúcar ou do ouro	02	5,7%
23. Monarquia	02	5,7%
24. Tiradentes	02	5,7%
25. Inconfidência Mineira	02	5,7%
26. Independência do Brasil	05	14,28%
a) Independência do Brasil no dia 07/09/1822	01	2,85%
b) Apenas cita a independência do Brasil	04	11,42%
27. D. Pedro I	06	17,14%
28. D. Pedro II	03	8,57%
29. Governo café com leite	01	2,85%
30. República	07	20,00%
31. Ditadura	06	17,14%
a) A) Getúlio Vargas	02	5,7%
b) B) Militar	04	11,42%
32. Mistura das raças (italianos, alemães, etc)	04	11,42%
33. Color	03	8,57%
34. Tancredo	01	2,85%
35. Sarney	01	2,85%
36. Juscelino Kubitschek	01	2,85%
37. Itamar Franco	02	5,7%
38. FHC	02	5,7%
39. Lula	03	8,57%
40. Guerras em geral	08	22,85%
a) Guerras sem nomear uma especificamente	03	8,57%
b) Guerra dos Farrapos	03	8,57%
c) A sabinada	01	2,85%
d) A Guerra dos Baianos em 1898	01	2,85%

Entre os fatos narrados, alguns tiveram alto índice de ocorrência, tal como a exploração dos índios pelos portugueses, indicado na tabela como item 9 (17 alunos, ou seja, 48,57%). Isto poderia nos levar a pensar que os índios foram o grupo de personagens que os alunos escolheram como centrais na história. Todavia, Pedro Álvares Cabral sozinho foi mencionado em 41,17 % (14 alunos) das narrativas. Se somarmos os itens 3, 4 e 5 em que os portugueses são os responsáveis pela ação de descobrir o Brasil, teremos um resultado diferente: 21 alunos mencionam os portugueses como autores da ação. Se forem computados juntos com os itens 3, 4 e 5, os demais itens referentes aos portugueses, tais como o item 6, que fala de Pedro Álvares Cabral, item 7, de Pero Vaz de Caminha, item 8, da exploração dos índios e o item 10, da exploração de nossas riquezas, teremos um total de 66 menções nas narrativas. Além de serem os personagens que fazem a história “andar”, os portugueses são descritos em muitos momentos como os vilões da história.

A independência do país, que supostamente deveria marcar a história do Brasil e alcançar um número maior de ocorrências, foi mencionada por apenas 5 alunos e apenas um aluno colocou a data, a saber, 7 de setembro de 1822. Tal ausência pode ter

acontecido em virtude de os alunos não sentirem que o Brasil é de fato independente de seus colonizadores e, portanto, não ser a independência um fato que marcou profundamente a história nacional. Como mostraremos mais adiante, vários alunos expressaram seu desalento com o fato de a colonização ainda ter seus efeitos na vida brasileira atual. Percebe-se que para eles a independência não está apenas ligada à desvinculação política de Portugal. Eles relatam em suas narrativas o desejo de ver o Brasil livre do poder exercido por outras nações (Europa, e principalmente Estados Unidos). Isto se relaciona ao fato de esses alunos, provavelmente, vislumbrarem a colonização como submissão e dependência a alguém ou outro país.

[...] e apesar de muitas revoluções e povos unidos ajudando o Brasil com sua independência, ele ainda continua um país dependente quer do FMI, quer dos Estados Unidos e de outras nações mais poderosas (Texto 27).

Já somos um povo e um país sofredor desde a época de nosso descobrimento, os índios que aqui viviam foram escravizados, depois as grandes lutas pela independência, depois vieram disputas territoriais entre Holanda, Espanha, Portugal etc.

De certa forma até hoje ainda somos dominados pelos outros países, mas até quando vai tudo isso? (Texto 25).

Dos personagens de nossa história mais atual, todos obtiveram poucas menções. Lula foi mencionado por apenas três alunos (8,7%), obtendo o mesmo número de menções do cassado Collor. Tancredo, Sarney e Itamar Franco computaram apenas uma menção. Do nosso ponto de vista, o que mais intriga é exatamente a pouca lembrança do atual presidente, o qual poderia representar para os alunos uma possibilidade de mudança diante do inconformismo com a atual situação social brasileira. Enfim, os alunos não apresentam um herói em suas histórias em quem possam depositar sua confiança. Interessante seria pesquisar as razões da dificuldade de se apontar heróis para uma nação que tem uma história de tão longa data.

O tema comum às narrativas

Segundo a leitura que fizemos, o tema comum que permeia a maior parte das narrativas desses alunos é o “inconformismo com a exploração indevida de nosso país, iniciada pelos portugueses”, como mostram os recortes abaixo.

*No entanto, o Brasil continuou da mesma forma no sentido de desemprego, economia com altas inflações. Os problemas começaram com os portugueses e se prolongaram até hoje apesar de agora termos um trabalhador no poder homem do povo que teve uma vitória esmagadora (Texto 8).
Durante o período do Brasil colônia, tivemos nossas*

terras exploradas, ou melhor, saquiadas. Roubaram nosso ouro, escravizaram nossos índios, nos deixaram apenas restos.

Quando finalmente resolverem nos libertar, deixarão como herança dívidas, pobreza, um passado de lembranças nada boas.

E o que parece até hoje é que somos colônia, porque fome, miséria, pobreza, temos até hoje, e, como naquela época não podemos e, não temos muita escolha. Por incrível que possa parecer, até dá impressão de que colonização da Terra de Santa Cruz foi ontem (Texto 14).

Os alunos parecem apontar a colonização como uma situação que não se rompeu com a proclamação da independência. Para eles, a atual situação se deve a uma dependência que ainda vigora em virtude do desemprego, da economia fragilizada, da pobreza, da desigualdade social etc.

Além do inconformismo com a exploração dos portugueses, os alunos apresentam a questão de como o Brasil não é levado a sério, fazendo uso da ironia e ligando essa exploração aos acontecimentos de nossa história mais recente. Muitos deles ouviram falar da ditadura, dos comícios pelas “Diretas já” e da morte de Tancredo Neves. Ficaram sabendo da vitória de Collor e de como seu mandato foi encerrado em virtude da corrupção e como os brasileiros foram para as ruas com suas caras pintadas, *como se fossem índios* (nessas horas, a imagem do índio tem utilidade), para celebrar o *impeachment*. Sentiram suas esperanças serem avivadas com a vitória de FHC, que acenava uma possibilidade de mudanças nos dois mandatos em que governou. É compreensível que mesmo agora com a vitória de um homem da esquerda, vindo do povo, esses alunos se mostrem receosos de que nosso país venha realmente a mudar. Formam uma multidão de homens ordinários, multidão “ludibriada, frustrada [...], submetida à lei da mentira” (Certeau, 1999, p. 61) que aparece claramente denunciada na fala do aluno abaixo:

D. Pedro cai, mudam as constituições do país pela milésima vez. Surgem mais revoluções, idéias iluministas, mais homens massacrados e assim sucessivamente.

Pra finaliza, surgem partidos políticos, idéias socialistas, comunistas e assim vai. Entra Tancredo, morre Tancredo, fica Sarney, plano cruzado, congela os preços. Depois veio o Collor, que piada! Fora Collor. Entra Itamar, pão de queijo, namorada sem calcinha. Depois FHC, a salvação com o plano real, mas FHC (Texto 9).

Ao mencionar “a namorada sem calcinha” de Itamar, o aluno 9 mostra seu total inconformismo com a falta de seriedade do país. Sua narrativa se constitui em uma micro-resistência (Certeau, 1999, p. 18) à má sorte do país.

Outros alunos mostram a tristeza pela exploração de nossa terra.

Foi então que tudo começou; nosso Pau-Brasil, nosso ouro, nossos índios... Nosso Brasil foi todo de Portugal;

Mesmo sendo dessa forma, poderia ter sido uma história mais bonita (Texto 4).

A nação brasileira foi explorada e degradada em suas colônias, enriquecendo a economia de outrem, vive momentos conturbados com uma independência gritada, mas esquecida de mencionar suas “aspas”, derrubar lágrimas de sangue numa primeira tentativa de impor sua opinião, torturados e exilados na inesquecível ditadura do período militar e hoje vive plenamente graças ao espírito pacífico do brasileiro, e não da sua estrutura econômica-política, onde reina a “democracia” (Texto 7).

A ligação do início de nossa história com a história atual também se mostra clara em vários textos, dos quais escolhemos o que segue abaixo:

O que poderia dizer a respeito da história do meu país? Poderia dizer que meu país seria melhor, se tivesse recebido desde a época da colonização uma estrutura sólida. Se tivesse recebido em seus postos, pessoas interessadas em construir ao invés de explorar. [...] (Texto 13).

Embora não tenha sido um tema central das narrativas, é interessante observar outros tópicos da Tabela 1. O primeiro deles é relacionado aos negros. Consideramos como menção aos negros as falas que pontuaram a vinda deles da África em navios precários (item 19a), a escravatura (item 19b) e sua fuga para o Quilombo dos Palmares (item 19c). Esses subitens juntos foram mencionadas em 17,14%, (6 alunos), um número ainda baixo se comparado com a menção aos portugueses. Retomaremos a discussão de como o negro é visto por esses alunos, quando estivermos analisando os tipos de orações que os alunos usaram para descrever cada grupo.

Um tópico que merece ser discutido é o das guerras. Oito alunos falaram sobre as guerras, sendo que três alunos apontaram para as guerras em geral, três para a Guerra dos Farrapos, um para a Sabinada e um para a Guerra dos Baianos em 1898. A história nos mostrou¹ que o Brasil, ao contrário do que se pensa, teve em seu histórico várias guerras. Desta forma, questionamos a disseminação da idéia de que somos um povo pacífico e nos perguntamos que agência de poder tem difundido tal característica do povo brasileiro.

A não-menção às guerras pode também estar ligada ao fato de esses alunos não terem vivenciado nenhum conflito do país, interno ou externo, e por isso não sentirem que devam responder a isto com

¹ Fizemos um levantamento de toda a história do país, inclusive das guerras.

alguma menção.

A construção dos personagens

A seguir, verificaremos como se deu a construção dos personagens através dos três itens mencionados por Wertsch: a) frequência de menção; b) padrões de agência; e c) padrão de presença pressuposta. A partir daqui, não computaremos mais o número de alunos que pontuaram os fatos históricos, mas sim quantas vezes cada fato histórico foi mencionado. Isto significa que em uma narrativa pode haver mais de uma menção.

A frequência de menção. Para realizar tal análise da frequência de menção, foi feito um levantamento estatístico no qual se levou em consideração o aparecimento dos substantivos e pronomes na superfície como critério para examinar como os diferentes grupos e os personagens principais apareceram no texto. Os grupos que enfocaremos serão os portugueses, os índios, os brasileiros e os negros.

Na contagem de vezes de aparecimento dos personagens foram considerados: a) o aparecimento do substantivo de modo explícito; b) a utilização de pronomes ou de palavras do tipo “os mesmos”; c) a elipse quer de substantivo quer de pronome subentendendo o grupo a que estes se referiam; d) o nome de um membro do grupo como por exemplo, Pero Vaz de Caminha, Anchieta, jesuítas como portugueses, ou Zumbi para os negros; e e) o uso de um pronome possessivo indicando a posse do grupo, tal como na frase “os índios se adaptaram aos seus [dos portugueses] costumes.”

Quatro textos não mencionaram nenhuma vez os portugueses, nem os índios, nem os negros (textos 13, 10, 21 e 34). Nas demais narrativas, os portugueses foram mencionados 116 vezes contra 104 menções dos índios e apenas 6 dos negros (item 19). Não foi considerada uma menção aos negros quando os alunos relatavam apenas a abolição da escravatura. Notamos que a menção aos portugueses aconteceu 12 vezes mais do que a menção aos índios, sendo uma diferença pouco significativa se comparada aos efeitos que se pode observar a partir da posição que os alunos escolheram para esses personagens ocuparem nas orações. Isto nos leva à análise do segundo item, a saber, o padrão de agência.

O padrão de agência. Como no estudo de Wertsch, para estudarmos o padrão de agência, centraremos nossa atenção em dois grupos de referencialidade proposicional: a categoria superordinada e a categoria subordinada. Como já mencionamos, na categoria superordinada, incluiremos os seguintes tipos de sentenças nominais: a) sujeito de uma oração transitiva ativa; b) sujeito na

oração intransitiva; c) sujeito da oração de cópula; d) a oração substantiva seguida de “por/pelo” (tanto presente na forma aparente como no forma elíptica) na oração transitiva passiva.

A categoria subordinada usada aqui não corresponde a qualquer papel simples de referencialidade proposicional, pois agrupa diversos papéis gramaticais, com o fio condutor comum sendo o fato de que a oração substantiva em todas elas indica um estado de um indivíduo ou grupo mencionado em comparação com o individual ou grupo mencionado na posição de uma oração substantiva superordinada, recebendo a ação do ator, sendo, portanto, considerado como secundário. Os seguintes itens podem ser codificados como orações substantivas na categoria subordinada: (e) objeto direto em uma cláusula transitiva (ou passiva ou ativa); (f) objeto indireto em uma cláusula transitiva (ou ativa ou passiva); e g) uma oração substantiva seguida de “com” no sentido de “em colaboração com”.

Para realizarmos a investigação das orações, decidimos analisar, inicialmente, os grupos mais mencionados, a saber, os portugueses/europeus, os índios e os negros. Consideramos como menção aos portugueses todas as referências aos “europeus” ou aos “colonizadores”. Foram consideradas como menções dos índios as expressões “a população indígena”, “os habitantes da terra”, “os selvagens”, etc. Apesar de terem sido pouco mencionados (e por isso mesmo), consideramos interessante analisar a frequência da menção da população negra. Para realizarmos tal contagem, foram computadas as palavras “os escravos” e “os africanos”. Como foram percebidas várias menções do povo brasileiro em geral, em expressões do tipo “a jovem nação”, “nossa pátria”, “o povo brasileiro”, resolvemos considerar esse grupo também em nossa análise.

O total de ocorrências de todos os grupos juntos foi de 342 menções, sendo que 287 (83%) estavam em posição superordinada. Dessas, 138 orações, ou seja, 48,1% das 287, tinham os portugueses como sujeitos das orações. A nação brasileira apareceu como sujeito em 74 orações (25,78%), os índios em 64 (22%) e os negros em apenas 10 (3,48%) (Tabela 2).

Algumas considerações devem ser feitas sobre essas ocorrências. Do total de 64 orações, os índios foram apontados como sujeito de uma oração transitiva ativa (a) e sujeito de uma oração intransitiva (b), 26 e 18 vezes, respectivamente. As orações do tipo (a) e (b) acontecem nas narrativas, em sua maioria, antes da chegada dos colonizadores.

Antes de os portugueses descobrirem a nossas terras, os nativos viviam de uma forma monótona e tranqüila, com a chegada de uma nova nação, esta liderada por Pedro Alvares Cabral podemos começar

a marcar os pontos principais de nossa história brasileira. Eles ficaram maravilhados com todas as belezas e nossa terra, mas também se assustaram com a maneira de que os índios se comportavam e vice-versa (Texto 29).

Depois da descoberta, as ocorrências passam a ser do tipo (d), a saber, sujeito de uma oração passiva.

Com a chegada dos homens brancos os índios foram domesticados e catequizados ou seja “escravizados” (Texto 20).

As menções aos índios na passiva, depois da chegada dos colonizadores, acontecem 15 vezes, ou seja, 23,43% do total de 64 das ocorrências dos índios nos textos. Isto é um indício de que os alunos que narraram os fatos passaram a ver o índio como a vítima depois da colonização. O mesmo acontece com a nação brasileira. Não obstante, para ela existem três momentos distintos:

1. O Brasil antes da colonização, em completa harmonia;
2. O Brasil que perde sua paz e harmonia em virtude da exploração dos portugueses, “porque [os portugueses] não tomaram o país como lar, mas sim como lugar de abastecer-se e levar para fora as riquezas.” (Texto 30);
3. E, finalmente, no terceiro momento, alguns alunos buscam um Brasil que deve lutar contra toda essa exploração, dizendo que para mudar, “depende de nós, trabalhadores, estudantes, donas de casas e principalmente de pessoas que queiram fazer diferença e melhorar de vez a nossa pátria” (Texto 8).

Outros indicam que não sabem como a luta se dará, já que perguntam se “depende de nós?” (Texto 11) realizar essa mudança. Esse aluno parece perceber que existe uma estrutura acima responsável pela situação e que “nós” talvez sejamos homens ordinários demais para fazer algo pelo país.

Tabela 2. Categoria superordinada de presença dos personagens.

	ptgs	Brasil	índio	negro	total
a) sujeito de oração transitiva ativa	107	19	26	06	158
b) sujeito de oração intransitiva	21	10	18	02	51
c) sujeito de oração de cópula	10	38	15	01	64
d) sujeito de oração substantiva seguida de “pelo” na oração passiva	02	07	05	01	15
Total	140	74	64	10	288

O primeiro momento da nação brasileira é descrito com frases do tipo (a) e (b) que podem ser observadas no seguinte exemplo: “A jovem nação vivia em completa harmonia [...]” (Texto 22).

Um caso interessante foi o exemplo abaixo, retirado da narrativa 1.

“A jovem Pátria sofreu descaso, entristeceu” (Texto 1).

Embora na gramática tradicional o primeiro verbo seja classificado como verbo transitivo direto (sofreu), ele traz em si um significado de passividade, no sentido de que alguém impingiu descaso à jovem pátria. O verbo seguinte é classificado como verbo intransitivo, mas com uma forte conotação de que alguém ou algo causou a tristeza. A idéia de alguém causar o sofrimento está intimamente ligada aos dois verbos que vêm a seguir, no texto 1:

A jovem Pátria sofreu descaso, entristeceu; foi roubada pela metrópole, prejudicada pelo Pacto Colonial.

Ao analisarmos o recorte acima, é possível questionar o sistema de análise em que Wertsch se baseia para realizar seu estudo. Segundo Geraldi (comunicação pessoal), do ponto de vista da história que se conta, simplesmente mostrar essas categorias de superordinada em que os portugueses são classificados como agentes não diz muito sobre o julgamento dessas ações que aparecem nos verbos e são contrárias aos portugueses: roubar, permanecer, ver os índios como animais. Os verbos do tipo “sofreu” e “entristeceu” não foram considerados na análise de Wertsch, a qual só relata o número de ocorrências na função sujeito ou objeto. A pergunta que se faz é: sujeito de que ações, de que verbos? Esse é o risco que se corre, afirma Geraldi (2003), de se usar categorias quase que sintáticas para analisar o discurso: a história que se conta não é recuperada pela análise feita.

Voltando ao texto do aluno 1, percebe-se que ele assume que a jovem pátria está recebendo a ação com as orações passivas, as quais são orações superordinadas do tipo (d). Outros exemplos são:

Depois do governo geral, República, militarismo ou seja, o “Brasilzão” foi liderado de diversas formas, mas a preocupação de torna-lo melhor coube a poucos (Texto 30).

Essas frases com sujeito de oração com verbo de ligação totalizaram 38 ocorrências, ou seja, 51,35% das 74 ocorrências.

O terceiro momento é descrito com frases do tipo (a), (b).

Atualmente no presidencialismo temos (o povo brasileiro) a esperança de concertar tudo que começou errado lá trás (Texto 30).

Um outro tipo mais comum de oração, contudo, é o (c), a saber, sujeito mais verbo de ligação no tempo presente. De modo interessante, essas são algumas das poucas narrativas que expressam esperança no povo brasileiro para superar a crise, com seu temperamento “pacífico” e “feliz”.

Hoje somos um país independente, graças a D. Pedro I, porém com grandes problemas e dívidas

sociais e externas. Com raças e sotaques diversificados e lugares maravilhosos (Texto 18).

Quanto aos portugueses, o maior número de ocorrências desse grupo como sujeitos se dá nas orações superordinadas transitivas (76,42%) e nas intransitivas (15%). Tal constatação serve para indicar que os alunos vêem os portugueses como os personagens centrais da história e que fazem a história fluir.

Os negros foram pouco citados nas narrativas. Eles receberam o menor número de menções em relação aos demais grupos, com 10 citações na categoria superordinada e 4 na categoria subordinada, como aponta a tabela comparativa sobre a menção de negros e outros.

Se somarmos os números resultantes do grupo Brasil (74), índio (64) e negros (10), teremos 158 ocorrências contra 140 dos portugueses sozinhos, na categoria superordinada.

Vejamos a seguir a Tabela 3 em que apresentamos os resultados de menções aos portugueses, à nação brasileira, aos índios e aos negros nas orações subordinadas.

Tabela 3. Categoria subordinada de menção aos personagens.

	ptgs	Brasil	índio	negro	total
e) objeto direto em uma oração transitiva	01	11	22	04	38
f) oração substantiva seguida de com no sentido de colaboração com	02	01	01	00	04
g) objeto indireto em uma oração transitiva	01	01	10	00	12
Total	03	13	33	04	54

Observe, na Tabela 3, como a menção aos portugueses cai na posição subordinada, ou seja, como objeto da ação, sendo menor até mesmo que a menção aos negros. O Brasil e o índio têm um número expressivo, a saber, 13 e 33 menções, respectivamente. Quanto ao índio, vale a pena mencionar o fato de que, embora ele esteja em condição de quase total abandono em nossa sociedade, na história oficial mais atual, quando a situação se torna difícil para os brasileiros, o “índio” aparece. Isto pode ser comprovado com os carapintadas na celebração do *impeachment* de Collor, com os índios marchando nos 500 anos da descoberta do Brasil. O índio foi explorado e continua sendo através da utilização de sua imagem para representar um povo que pouco se lembra dele.

No que tange ao negro, existem várias possibilidades para um número tão baixo de menções a eles. Poderíamos considerar que os alunos mencionaram mais os demais grupos em função de se lembrarem mais do início da história. Os negros apareceram mais tarde, na história. Entretanto, não podemos deixar de questionar se tal ausência não se dá exatamente em função de os livros de história e os

professores terem “esquecido” da importância dos africanos para nossa cultura. Em outras palavras, a não-citação dos negros nos textos dos alunos brasileiros é a voz do livro didático. Os negros plantaram, limpavam e deram a sua vida por nosso país e, porém, os alunos fizeram poucas citações sobre eles, seguindo a tradição escolar.

Segundo Cotrim (2000), a igreja Católica, na época da colonização, não aceitava que os índios fossem escravizados, mas aceitava que o negro fosse. O “esquecimento natural” parece estar presente em nossa vida diária. O negro continua ocupando cargos secundários nas empresas e poucas vagas nas universidades depois de séculos de trabalho.

Além de tudo isso, do nosso ponto de vista, o negro ainda sofre com o preconceito nas piadas e vê sua etnia propositalmente ligada ao banditismo. Nas narrativas analisadas, poucos sabem que no dia 20 de novembro comemora-se o dia da consciência negra e que foi nesse dia que Zumbi, o grande líder negro dos quilombos brasileiros, foi morto pelos bandeirantes. Apenas um aluno mencionou o nome de Zumbi e o Quilombo dos Palmares. Somente três alunos se lembraram que os negros foram escravos e apenas um mencionou o racismo contra os negros. Dos trinta e cinco alunos, somente cinco falaram da Lei Áurea. Tais dados nos remetem ao que Bakhtin afirmou “*a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*”. (Bakhtin, 1995, p. 95) Nesse caso, a “não-palavra” o “não-dito” está igualmente carregada de uma ideologia pertencente à elite.

A seguir, analisaremos o padrão de presença pressuposta.

O padrão de presença pressuposta. Essa noção preocupa-se com o fato de que os indivíduos ou grupos mencionados são considerados como menos ou mais acessíveis ao falante/escritor e ao ouvinte/leitor, em função de o falante/escritor considerar a presença do personagem como óbvia. Analisaremos se os alunos utilizaram pronomes no lugar dos personagens ou se resolveram removê-los através de “elipse”. Pesquisaremos, por exemplo, quantas frases na passiva apresentam ou não a complementação com a palavra “pelo”. Os personagens analisados serão, novamente, os portugueses, os índios, a nação brasileira e os negros.

No que concerne aos portugueses, em orações ativas houve 51 elipses. Os pronomes foram usados com referências aos portugueses em 31 frases. Nas orações passivas em que os índios, os negros ou a nação brasileira sofriam as ações causadas pelos portugueses ou pelos europeus, a elipse dos portugueses ocorreu em 27 orações (Tabela 4).

Durante o período do Brasil colônia, tivemos nossas

terras exploradas [pelos portugueses], ou melhor saqueadas. [Os portugueses] Roubaram nosso ouro. [Os portugueses] escravizaram nossos índios. [Os portugueses] nos deixaram apenas restos (Texto 14).

Em contrapartida, os alunos se utilizaram da elipse para se referir aos índios em 11 orações, todas elas antes da chegada dos portugueses. O uso do pronome ocorreu em apenas 5 orações. Os portugueses sofreram as ações dos índios, mas esses foram tomados como sendo uma presença pressuposta em apenas 2 orações. A nação brasileira foi assumida como sendo uma presença pressuposta em 15 orações, sendo 13 indicadas através da elipse, 2 através de pronomes (Tabela 4).

Os negros obtiveram apenas um caso de elipse.

Houve entre os alunos brasileiros, bem como entre os alunos americanos, portanto, uma tendência de referir-se aos europeus, como se sua presença fosse óbvia enquanto personagens. Para eles, não havia necessidade de identificar os lusitanos usando formas explícitas. No caso dos alunos americanos, Wertsch ponderou que isto pode ter acontecido em virtude de os europeus terem sido mais mencionados que os índios, o que pode ser verdade para nossa pesquisa também. Em muitos casos, entretanto, a presença dos colonizadores pode ter sido considerada tão óbvia que os alunos brasileiros acharam que não era preciso nem mesmo mencioná-la. Em nossa pesquisa, os sujeitos que escreveram os textos tiveram a tendência de usar formas mais explícitas para os índios, uma prática que indica que os nativos brasileiros não foram considerados como estando tão prontamente presentes no contexto fala-evento.

Tabela 4. Presença pressuposta dos personagens.

	Portugueses	Índios	Nação brasileira	Negros
Elipse	51	11	13	01
Pronome	31	05	02	-
Ausência do “pelo” nas or. Passivas	27	-	-	-
Total	109	16	15	01

Os americanos e os brasileiros

Ao contrário dos americanos universitários, que vêem os europeus como os “mocinhos”, exatamente por se identificarem com eles, os alunos brasileiros não disfarçam seu inconformismo em relação à exploração dos portugueses e não se identificam com estes. Os alunos brasileiros não se colocam como agentes, como os americanos fazem, mas como aliados pela contínua exploração não só dos portugueses, mas também dos Estados Unidos e outras nações. O inconformismo com a exploração pelo outro (portugueses, outras nações) é demonstrado não com piadas jocosas, típicas dos brasileiros. Há um tom sério de preocupação em

busca de mudança, mas ainda tímido demais para abranger a coletividade. Os alunos não receiam discordar da história oficial, até onde a própria história oficial permite que esses alunos se expressem.

Os brasileiros parecem ter liberdade de expressar suas histórias, e se mostram à vontade, enquanto homens ordinários, para resistir à história vigente, embora alguns reconheçam que têm pouco poder. Outros demonstraram receio de que talvez não sejam ouvidos, e poucos depositaram a confiança na própria capacidade de mudança ou no novo presidente Lula, mesmo sabendo que ele também está em uma situação difícil.

Alguns anos depois o povo foi para as ruas mandar um colorido parar de meter a mão em nossos bolsos. Foi lindo, pena que apesar da vitória quando a gente se livra de um sempre vem outro para atrapalhar. Quando será que chegará nossa vez? O povo que veio dos índios já se acomodou de mais, será que isso não irá mais acabar! Só depende de nós! (Texto 11).

Ao contrário dos americanos, as narrativas dos alunos brasileiros não são do tipo “nacionalistas”. Os alunos brasileiros revelam que sabem que estão sendo explorados e demonstram um profundo inconformismo com a situação do país, que já dura 500 anos.

Conclusão

O padrão de agência de referencialidade proposicional foi aquele em que uma vasta maioria fez referência aos europeus/portugueses em posição superordinada com o sujeitos de oração transitiva e intransitiva, enquanto essa tendência foi menos pronunciada no caso dos nativos brasileiros. Esses foram colocados mais como sujeitos de oração passiva seguida de “pelo/pelos” [portugueses], após a descoberta do Brasil. Na categoria subordinada, o número de menções aos portugueses cai abruptamente, e os dois grupos mais mencionados são os índios e a nação brasileira.

Na análise da presença pressuposta, percebemos que os portugueses foram considerados como os personagens mais óbvios nas narrativas, quer nas elipses, quer no uso de pronomes. Os índios foram apontados como presença assumida antes da chegada dos portugueses. Isto nos leva a inferir que, para esses alunos, a história brasileira é construída em torno de um personagem (ou grupo de personagens) que não é o brasileiro, o qual se apresenta como aliado na história de seu próprio país. Segundo a análise que realizamos, a história do país prossegue em função dos portugueses/os europeus, e por extensão, nos dias atuais, da globalização, das nações mais ricas etc.

A maioria dos textos estava profundamente

arraigada na ferramenta narrativa com tema “inconformismo pela exploração indevida de nossos bens desde a descoberta”.

O que a utilização da ferramenta cultural narrativa pelos alunos brasileiros aponta é que essa lacuna não é neutra e impessoal, mas certamente fruto de uma organização de dados históricos realizada por certas agências (o estado, a escola, a igreja etc), enfim, certas instituições que exercem o poder. Os meios mediacionais, neste caso, a ferramenta cultural narrativa, modelou-se pelo contexto histórico e, desse modo, modelaram a própria ação do aluno, no caso analisado, tornando-a uma não- ação.

A despeito do crédito do modelo apresentado por Wertsch, foi possível perceber que, no construto que ele utiliza para fazer a análise, a simples apresentação dos números de ocorrências na função quer de sujeito, quer de objeto, atendo-se à superficialidade lingüística dos enunciados pode deixar de lado o discurso em si, como apresentamos no caso da nação brasileira ser sujeito de uma oração que continha os

verbos “sofreu” e “entristeceu”, no qual a posição superordinada implica um sentido subordinado.

Referências

BAKHTIN, M.M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

COTRIM, G. *Saber e fazer história: história geral e do Brasil 5ª, 6ª, 7ª e 8ª*. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WERTSCH, J.V. *Mind as action*. New York: Oxford, 1998.

Received on November 13, 2003.

Accepted on April 12, 2004.